

O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MUNDO ATRAVÉS DO SAGRADO FEMININO NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE MICHEL MAFFESOLI

ROSEANA MEDEIROS⁶

RESUMO

Vem crescendo nas redes sociais um movimento intitulado “Sagrado Feminino” ou “Feminino Divino”, que critica a sociedade patriarcal, androcêntrica, misógina e as religiões institucionalizadas. Este artigo vai tratar do processo de desencantamento do mundo, em Weber, o retorno do sagrado feminino, em Maffesoli, as Comunidades do Sagrado feminino no Facebook, destacando-se as características da Comunidade “As faces do Sagrado Feminino”, que reflete as várias tendências do movimento.

Palavras-chave: sagrado feminino; redes sociais; Michel Maffesoli.

ABSTRACT

Currently, a movement entitled “Sacred Feminine” or “Divine Feminine” has been growing on social media, which criticizes the patriarchal, androcentric, misogynistic society and institutionalized religions. This article will deal with the process of disenchantment of the world, in Weber, the return of the sacred feminine, in Maffesoli, Communities of the Sacred Feminine on Facebook and characteristics of the Community “The faces of the Sacred Feminine”.

Keywords: sacred feminine; social media; Michel Maffesoli.

⁶ Professora do DECISO - UFRPE.

Introdução

O objetivo geral deste estudo é tentar compreender por que, depois de uma era de racionalidade, de crescimento exacerbado da burocracia, da prevalência da ciência e da técnica, utilizadas como instrumentos para a obtenção do progresso da civilização ocidental, a chamada Modernidade, surge em fins do século XX, e se fortalecem no século XXI movimentos ligados ao mágico e à mitologia que cultuam o Sagrado Feminino ou Feminino Divino.

Estés, a conhecida psicóloga junguiana de linhagem hispano-mexicana, lança em 1993, a sua famosa obra “Mulheres que correm com os lobos”, publicado em cerca de 45 idiomas, e que vem tratar exatamente da necessidade de as mulheres recuperarem a sua natureza selvagem e livre, respeitando sua natureza e intuições. Ao tratarem seus instintos feridos, sua sexualidade, as mulheres passam a conhecer os aspectos mais profundos da sua alma e psique, e se tornam mais saudáveis. Merece também destaque o trabalho da norte-americana Starhawk (2007), que é uma obra clássica de paganismo e espiritualidade, resgatando o conceito da antiga religião e de culto à deusa e à natureza.

O Sagrado Feminino busca uma íntima ligação entre a sexualidade feminina, a sacralidade e a liberdade como forma de autorrealização e transcendência, além de apontar a existência de milhares de mulheres no Brasil e no mundo que buscam a possibilidade de experimentar uma espiritualidade, de natureza eminentemente feminina, sexualizada, mas que contesta os valores religiosos, sociais, patriarcais e androcêntricos vigentes. Orientado por uma visão transgressora, esse movimento contesta os princípios e valores da cultura judaico-cristã da sociedade ocidental e manifesta uma visão contraditoriamente espiritual e hedonista, como também imanente e transcendente. Ele realiza uma revisão dos valores culturais, questiona a dominação androcêntrica, o patriarcado, o imperialismo, o racismo e o capitalismo materialista, que explora e espolia o ser humano e a natureza, além de incluir também uma temática ligada aos movimentos ecológicos, feministas, homossexuais, transgêneros e contraculturais.

Uma parte significativa das mulheres na atualidade sentem a rejeição milenar de Igrejas hegemônicas, como a Igreja Católica Romana (fundada por Constantino em 325 no Concílio de Nicéia) e Igrejas Protestantes, que surgiram no século XVI após a Reforma. Ambas possuem dogmas e posturas que fortalecem o patriarcalismo e são formadas por uma hierarquia divina masculina. Essas Igrejas sempre trataram as mulheres como seres inferiores, oprimindo-as, rejeitando-as, torturando-as e matando-as no decorrer da história (vide a Inquisição), e a opressão sempre foi forte e generalizada.

Ocorre, portanto, uma natural rejeição à religiosidade formal e a necessidade de abertura

de novos horizontes espirituais, através de grupos abertos, sem regras, sem hierarquias, sem deveres. Trata-se de uma espiritualidade que surge da rejeição da supremacia patriarcal refletida nas Igrejas e baseadas na realização de suas práticas inspiradas em achados arqueológicos relativos à existência de um matriarcado na Pré-história e na Antiguidade (Barros, 2001).

Constata-se que a mídia convencional não trata sobre o assunto, embora, no ciberespaço, proliferem sites, blogs, comunidades do Facebook, em que o assunto é tratado de forma detalhada e multifacetada. Nesse contexto, as redes sociais são essenciais para dar visibilidade ao Sagrado Feminino, sobretudo aquelas formadas sobre o tema no Facebook.

Em sua passagem por Caxias do Sul (RS), em 2009, o sociólogo Michel Maffesoli preconizou a era da tecnomagia e neste panorama pós-moderno, a ecologia, a moda e a vagina também harmonizam a vida⁷.

Nesta análise será utilizado o arcabouço teórico de Michel Maffesoli, juntamente com os trabalhos desenvolvidos por Starwak, Maria Nazareth de Barros Alvim, Mirella Faur, Clarisse Pinkola Estés e Rachel Pollack.

Maffesoli é um grande sociólogo francês, considerado um dos maiores especialistas da pós-modernidade. É diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano e do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário. Suas ideias são difundidas por mais de trinta livros e centenas de artigos publicados, em que expõe seu pensamento original e paradoxal. Ele vai trabalhar com a “Sociologia compreensiva”, isto é, busca a compreensão do momento presente, que possui as características de ser plural, provisório, e de integrar também o sonho e o imaginário.

Maffesoli entende que a sociedade pós-moderna se caracteriza pelo aleatório e pelo relativismo, e aponta a necessidade de compreendê-la através da ideia de regresso, de retorno ao ventre e aos sentidos. O ser humano não pode ser pensado apenas enquanto cérebro, mas, sobretudo, enquanto corpo, ressaltando a importância do material e emocional.

Com as categorias de “Retorno ao passado”, “Sacralidade pós-moderna”, “Invaginação dos sentidos”, “Feminização do mundo”, “Reencantamento do mundo”, “Tecnomagia” e “Prevalência do corpo”, Maffesoli vai possibilitar uma análise mais percuciente do fenômeno do Sagrado Feminino nas redes sociais.

Este artigo vai ser desenvolvido através de quatro itens: o primeiro, intitulado “Racionalização, burocratização e desencantamento do mundo na visão de Max Weber”,

[7:https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2009/06/maffesoli-e-a-feminizacao-do-mundo-cjpmzkju00hiaqcnfut404za.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2009/06/maffesoli-e-a-feminizacao-do-mundo-cjpmzkju00hiaqcnfut404za.html) (acessado em 02 de outubro de 2019).

o segundo, “Emergência do Sagrado feminino e o pensamento de Maffesoli”, o terceiro, “As comunidades do Sagrado Feminino no Facebook”, e o quarto, especificamente, a comunidade “As Faces do Sagrado Feminino”, quando então será realizado o estudo de algumas de suas características.

Tem-se que deixar bem evidenciado que, na totalidade dessas comunidades e deste artigo, o termo “deusa” é sinônimo de “bruxa”, e vice-versa.

1. Racionalização, burocratização e desencantamento do mundo em Max Weber

Na Antiguidade pagã havia uma proliferação de deuses, sobretudo deusas, que se incumbiam de fazer as vontades dos seres humanos por meio de rituais e oferendas.

Na Idade Média, apesar de ainda restarem rituais pagãos, a Igreja Católica dominava a vida política, social e econômica, e se arvorava no direito de explicar tudo o que seria de ordem natural e sobrenatural, criando superstições, santos e controlando a vida sexual, o cotidiano e o pós-morte dos seres humanos.

O paradigma teocêntrico do mundo era então dominante, entretanto, com o crescimento de novas teorias consideradas “heréticas” pela Igreja, ocorreu a necessidade de se promover uma separação entre a ciência e a religião, para que o conhecimento avançasse. Nesse mesmo período, ocorreria o processo de desenvolvimento do método cartesiano-newtoniano.

A visão mecanicista do mundo foi construída pelo francês René Descartes (1596-1650) e pelo inglês Isaac Newton (1643-1727), tornando-se dominante a partir do século XVII. Nessa perspectiva as coisas não poderiam sair da esfera da tecnologia, da ciência e da razão.

Paulatinamente as pessoas foram deixando de olhar e vivenciar a natureza como algo sagrado e a ser respeitado, como nos tempos primevos da história da humanidade. Assim, aqueles que admiravam a natureza passaram a ser vistos como supersticiosos e idólatras. O mundo, a natureza e o cosmo tornaram-se inanimados e sem vida.

Epistemologicamente, o paradigma newtoniano-cartesiano forneceu suporte para a exacerbação da racionalidade, da objetividade e da exaltação do científico tão presente também no Iluminismo.

A razão se tornou a única certeza, contra todas as incertezas humanas, em todas os campos da atuação humana. Com isso ocorre um desprezo pelas emoções, subjetividades e transcendências, e a razão vai se tornar algo supremo e absoluto. A Modernidade, como

visão de mundo, se consolida com a Revolução Industrial, e se encontra intimamente ligada ao desenvolvimento do capitalismo. O mundo é tomado por uma racionalidade baseada na ciência, no controle e burocratização da vida.

Na sua obra clássica “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber vai realizar uma análise da origem do capitalismo e estabelece uma comparação entre diversas sociedades que se apresentam no mundo ocidental e no mundo oriental. Ele observa uma maior qualificação profissional em países desenvolvidos, que eram na maioria protestantes, e daí ele realiza uma vinculação dos valores do capitalismo com aqueles pregados pelos calvinistas, em que o trabalho tinha uma importância em si mesmo. Isto é, ao mesmo tempo em que o trabalhador vive em função de seu trabalho, seu crescimento econômico e o lucro são sinais de sua salvação. É desenvolvida entre os puritanos uma condenação ao luxo, à riqueza e ao ócio. Daí surge a acumulação desenfreada.

Para Weber, essa racionalização e acumulação foram incentivadas pela ética protestante. Os protestantes estavam, majoritariamente, em locais em que o capitalismo surgia e se fortalecia, obtendo com isso mais renda que os católicos, daí Weber apontar a relação entre o chamado “espírito do capitalismo” e a “ética protestante”. No nascimento do capitalismo, as pessoas obtinham muito dinheiro com muito trabalho, e não tinham o objetivo de usá-lo e de se divertirem, mas, sim, de mostrar que Deus lhe dera a salvação. Vai ocorrer naturalmente uma valorização do trabalho.

Observando o *geist* do tempo, Max Weber introduz o conceito de “desencantamento do mundo”, “*Entzauberung der Welt*”, a desmagificação religiosa. Ele percebe que ocorre um abandono do pensamento mágico, um processo de dessacralização, fruto da racionalização promovida pelo Cristianismo Puritano, e pela prevalência da Ciência. Mas essa percepção não era considerada por ele como uma perda ou carência, mas como constatação. O processo de difusão da racionalidade ocorre em várias esferas da vida social. Antes, o mundo era encantado, permeado pela magia, e eis que surge um mundo desencantado. Com toda essa racionalização, surge a desmistificação e, conseqüentemente, um desencantamento do mundo.

Acompanhando essa racionalidade estimulada pelo desenvolvimento da ciência e tecnologia, as visões mágicas do mundo como um local sagrado foram também substituídas por visões mais racionais, ancoradas em “verdades científicas”, consideradas superiores.

A ocorrência do “desencantamento do mundo” traz como conseqüências para a perda das explicações mágicas, da simplicidade original do ser humano, a perda de sentido da vida. A vida vai ser consumida pelo trabalho, e a racionalização vai se estender às várias esferas na vida social. Entretanto, em meados do sec. XIX, esse desencantamento vai se

amainando.

2. Retorno do Sagrado Feminino e o pensamento pós-moderno de Maffesoli

A ligação do ser humano com a divindade começa a partir do aparecimento de achados arqueológicos de cerca de 30.000 anos atrás.

Medeiros (2011), estudando o matriarcalismo, constata que no período neolítico vão surgir as primeiras manifestações artísticas, como pinturas, esculturas e utensílios em pedra e grandes quantidades de estatuetas femininas. Quando o ser humano não tem condições de compreender de forma racional e lógica a realidade que o cerca, ele tende a dar explicações mágicas. Nesse período o homem convivia muito de perto com o inexplicável. A mulher possuía o poder da reprodução e da vida, e esses povos pressupunham, conseqüentemente, que todo universo deveria ter sido criado por um ser feminino. Só a mulher tem a capacidade de gerar, de dar a vida a outros seres, daí a existência de uma deusa responsável por toda a criação, porque só do ventre da mulher saíam outros seres. Existia uma estreita vinculação entre a mulher, a natureza e o mágico. Os mistérios femininos englobavam a menstruação, a intuição, a gravidez, o parto, a amamentação e a menopausa. Daí se constata na Antiguidade pagã uma proliferação de deusas, que se incumbiam de fazer as vontades dos seres humanos por meio de rituais e sacrifícios. A feminista Rocha (2009) trata sobre a existência nos tempos primordiais da predominância do matriarcado, e a obra de Muraro (2002), escrita conjuntamente com Leonardo Boff, trata sobre o questionamento das teorias patriarcais, do matriarcado, da sexualidade feminina e da necessidade de se parir uma nova consciência, comprometidas com valores como solidariedade, cuidado e espiritualidade.

Essa tese foi defendida por vários pesquisadores, inclusive os teóricos do materialismo dialético concordam com a existência do Matriarcado. O advogado e antropólogo suíço Johann Jakob Bachofen (1815-1887) é apontado como o pioneiro na pesquisa do matriarcado. Em 1861, na sua obra “O direito da Mãe”, também chamada de “Direito Materno”, ele explicita que nas sociedades primitivas dominava o matriarcado, com a predominância social e política das mulheres. Engels escreve, em 1884, “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”, acatando o pensamento de Bachofen, e concluindo pela existência da sociedade matriarcal nos primórdios da história da humanidade. (ENGELS, 1984)

Entretanto, segue-se o postulado de que com a descoberta da participação masculina na procriação e o medo e incerteza de sua real paternidade, surge e se desenvolve o patriarcalismo, e se inicia o processo de rebaixamento e rejeição da mulher, que progressivamente vai aumentando, como uma forma de suprimir o seu poder.

Com o surgimento de religiões de base patriarcal, acentua-se o processo de discriminação contra as mulheres, que passaram a ser oprimidas, violadas, diabolizadas, torturadas e mortas, quando apresentavam alguma forma de poder. Até hoje as mulheres ficaram associadas ao pecado e à sexualidade.

A misoginia não se encerrou com o fim dos Tribunais de Inquisição; ela continuou ativa na sociedade moderna e contemporânea com a presença de muitos feminicídios.

Ao mesmo tempo em que o machismo, androcentrismo e misoginia encontram-se em alta na sociedade atual, contraditoriamente surge um movimento de culto a mulher. As deusas, que são também denominadas bruxas, retornam. Surge a bruxa moderna sedutora, independente, livre, deificada, sexualizada e preocupada com o meio ambiente. Esse fenômeno é o que Maffesoli denomina de “nostalgia do sagrado”, “retorno do passado”, que para ele é uma filosofia progressiva (reconhece a autoridade do passado), porque destaca a tradição, que é a memória imemorial da humanidade. É o retorno das coisas antigas em outro nível.

Esse reconhecimento do passado não é um conhecimento conservador ou reacionário, mas sublinha que toda vida individual ou toda vida coletiva não existem ex-nihilo. Elas são, ao contrário, dependentes do que, no longo prazo, se sedimentou. A tradição sublinha esse processo de sedimentação que é o centro vivo de toda cultura autêntica. Sublinhando aqui que a vida social só pode se criar a partir e em função de uma memória imemorial, cuja eficiência atualmente se está reconhecendo (Maffesoli, 2020)⁸.

O fenômeno do culto ao Sagrado Feminino recomeça na década de 1950, a partir das publicações do antropólogo e ocultista Gerald Gardner (1884-1964), com o objetivo de resgatar a Bruxaria Pagã. Maffesoli (2012) constata que a saturação da Modernidade pode ser situada nos anos de 1950, em que o monoteísmo semítico recua e o paganismo retoma com força e vigor, como característica da pós-modernidade. Assim, ocorre a valorização dos sonhos, das fantasias, dos arquétipos, do hedonismo e do feminino.

O culto ao feminino divino se apropria das deusas da Antiguidade, e Maffesoli entende que na grande tradição da Modernidade, na perspectiva judaico-cristã, ocorreu a prevalência absoluta de Deus-pai, do homem, do masculino, com toda a grande concepção do fálico. A Modernidade racionaliza toda a vida social com a preocupação por tudo que diz respeito à seriedade da existência, do trabalho, da economia, e, nesse processo, os sonhos, as fantasias e o mágico foram desprezados. O retorno da deusa vai aparecer como a própria antítese da sociedade patriarcal.

⁸ Entrevista concedida em 07/07/2020 a Fronteiras do Pensamento. Estado de Arte. Revista de cultura, artes e ideias.

Na década de 1960 surgem com força o “Movimento da Nova Era” e o “Movimento Hippie” atrelados ao ocultismo e ao misticismo. Logo em 1964, o culto à deusa nos EUA foi incentivado pelos britânicos Raymond e Rosemary Buckland.

Na década de 1970, o Sagrado Feminino foi muito disseminado, sobretudo, nos Estados Unidos e na Europa. Em 1974, surgiu uma perspectiva de culto ao Sagrado Feminino na chamada “Wicca Saxã”, e logo no ano seguinte foi assinado “O Pacto da Deusa”, formado por cerca de setenta grupos que já trabalhavam nessa perspectiva.

Na década de 1980 o movimento chega timidamente ao Brasil. E, a partir de 1990, a internet começou a ganhar grandes proporções como fenômeno social no mundo europeu e norte-americano.

Uma grande contribuição para o crescimento desse movimento foi fornecida pela obra de Margareth Starhawk, intitulada de “A dança Cósmica das Feiticeiras”.

A tradição da deusa ofereceu novas possibilidades. O corpo feminino, agora, em toda sua feminilidade, seios, vulva, útero e fluxo menstrual, torna-se sagrado. A força primitiva da natureza, o intenso prazer da intimidade sexual, assumiram papéis centrais como caminhos para o sagrado, em vez de serem negados, denegridos ou encarados como periféricos (STARHAWK, 2007, p. 12).

Maffesoli (2012) entende ocorrer na atualidade uma ressignificação do sexo e do corpo nu, que passa a ser fonte de poder e autoconhecimento. Ocorre uma “invaginação dos sentidos”, junto com o sagrado, ou “sacral”, neologismo criado por ele. “Minha intenção com esse neologismo (sacral) é designar a difusão do divino na vida cotidiana, e a efusão de entusiasmo que ele provoca em algumas almas mais elevadas” (MAFFESOLI, 2019, p. 15).

Para ele, o real também pode ser captado a partir do seu avesso, do irreal. Nessa perspectiva surge o “realismo mágico” (a união do mundo mágico e fantástico ao mundo real), através do imaginário, do onírico, do lírico, que é profundamente potencializado pela mídia cibernética. Com isso ocorre o “reencantamento do mundo”, impelindo o ser humano pós-moderno a retomar o sagrado, a magia, os mistérios, e a possibilidade de se vivenciar o transcendente no mundo iminente, na natureza e no interior de cada ser.

Pode-se dizer que o “Sagrado Feminino” é uma categoria muito heterogênea, mas, em todas nas suas principais vertentes (Bruxas Modernas, Mulheres Despertadas, Bruxas Solitárias, Retorno da Deusa, Deusa-Mãe, Grande-mãe, Wicca Diânica, Wicca Gardneriana, Tradição das Fadas e outras), ocorre um resgate do culto à deusa, dentro de uma visão ecológica e uma postura de rejeição ao patriarcalismo, machismo, androcentrismo.

A vertente mais conhecida do Sagrado feminino é a “Wicca”, de característica neopagã

(pré-cristã). Ela foi criada a partir dos escritos da proeminente antropóloga, arqueóloga e historiadora britânica nascida na Índia, Margaret Alice Murray (1863-1963), com o resgate dos cultos pagãos às deusas. Ela trabalhou na University College London e era muito ligada ao movimento feminista da época, sobretudo o “Women’s Social e Political Union”, cujo objetivo maior era lutar para melhorar as condições de trabalho das mulheres.

Grimassi (2002) aprofunda-se nas antigas origens da wicca e aponta a sua apropriação da cultura matrifocal e matrilinear dos celtas, que constituíam o conjunto de povos pertencentes a várias tribos de língua indo-europeia e se fixou na parte oeste da Europa, no período do segundo milênio antes de Cristo. Ele aponta que os escritos sobre a cultura celta ressaltam que as mulheres eram bastante independentes e livres, escolhiam seus maridos e possuíam o mesmo status social dos homens. Os celtas não incorporavam os conceitos de pecado, diabo e adultério. Existia uma interligação profunda entre religião, mulher e natureza. A Wicca resgata com toda a força a menstruação, os órgãos sexuais femininos, sobretudo, o útero e os ciclos femininos. Toda a natureza era considerada como algo vivo, sagrado e divino. Os cultos e rituais à deusa eram realizados em plena nudez, com a exaltação do corpo e da sexualidade.

Maffesoli defende a tese de que na pós-modernidade ocorre a valoração do feminino e uma derrocada do masculino⁹:

Aquilo que foi a grande tradição moderna, na perspectiva judaico-cristã, foi a prevalência de Deus pai, do homem, do masculino, com toda a grande concepção do fálico. O falo ereto é o símbolo dessa dominação da natureza. Primeiro foi a dominação do homem sobre a mulher, depois sobre a natureza. De forma empírica, ao nível da constatação, observamos nas últimas duas ou três décadas uma feminização do mundo. Isso introduziu, aos poucos, a pós-modernidade. Podemos também estabelecer uma relação entre a feminização e a sensibilidade ecológica. Para traduzir isso, uso o termo “envaginação”, que é forte, mas serve para provocar. No sentido essencial do termo, a vagina é a metáfora da terra mãe. Mas há uma nuance: em francês digo que não se trata mais do feminino, mas da “feminitude”. Para chamar a atenção de que até mesmo os homens participam desses valores de feminização. Posso ter uma realidade físico-química masculina e ter uma série de fantasias e tendências femininas. Isso é feminitude.

Ele inova e cria as expressões: “enselvajamento do mundo”, “prevalência do corpo” e “pessoa plural”. Esse “enselvajamento” é muito utilizado pelas participantes das comunidades do sagrado feminino, quando incorporam o arquétipo da mulher selvagem,

⁹In: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2009/06/maffesoli-e-a-feminizacao-do-mundo-cjpmzkjju00hiaqcnfut404za.html>. Acesso no dia 26 de agosto de 2022.

uma imagem para descrever a força que sustenta todas as fêmeas. Ocorre uma apropriação das leituras e reflexões da obra “Mulheres que correm com os lobos. Mitos e histórias da mulher selvagem”, best-seller lançado 1992, escrito pela psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés. São temas centrais de sua obra: a ressurreição da mulher selvagem, a mulher loba, a carne sagrada, o retorno ao próprio self, a recuperação da sexualidade selvagem.

Um exemplo muito significativo da mulher selvagem é apontado por Osório (2001) na sua dissertação de mestrado de Ciências Sociais na UFRJ, que se apropria das obras de Márcia Frazão, considerada a bruxa mais conhecida do país, com vários livros publicados sobre o assunto. No seu blog (<http://marciarfrazao.blogspot.com.br/>) ela se apresenta como “escritora, bruxa, anarco-feminista, caótica, visionária, ensandecida, alucinada, caipira, pós-moderna, lunática e brasileira!!!!”. Ela afirma que o sexo se constitui como uma das portas de rompimento com submissão masculina. As mulheres devem ser livres e devoradoras de homens.

Esse movimento também resgata a história de Lilith, retirada da cultura judaica, considerada a primeira mulher de Adão, e o arquétipo dos instintos femininos. De caráter independente, forte, Lilith recusava-se a obedecer ao marido e a ficar em posição submissa na hora do sexo, representando, assim, a liberdade do prazer sexual feminino, com posturas que se aproximam da subversão, liberdade e independência sexual. Entretanto, na cultura machista judaica, uma mulher com essas características caiu em desgraça, foi expulsa do Éden, foi demonizada e passou a viver no inferno, copulando com os demônios.

3. Comunidades do Sagrado Feminino no Facebook e a tecnomagia

Constatou-se que essas comunidades do Sagrado Feminino crescem paulatinamente nas redes sociais. É importante ressaltar que a internet se tornou um espaço fundamental para compreender e analisar o fenômeno do Sagrado Feminino.

Scharberg (1998), professora do grupo “Estudos da Mulher” da Universidade de Detroit-EUA, faz importantes citações, apontando a tese de que, sem uma perspectiva mística, o engajamento político e a luta feminista tendem a ficar sem consistência, pois a deusa legitima a consciência feminista, desconstruindo a sociedade patriarcal. A deusa significa a aceitação do poder feminino, do corpo feminino, da vontade feminina, da ligação entre mulheres e da herança das mulheres. Faz-se necessário o retorno do feminino, retorno de Eros e retorno da Deusa, que durante séculos foi reprimido, rejeitado, refugado e malignizado.

Maffesoli (2015) acredita que a pós-modernidade realiza uma sinergia entre o arcaico e o tecnológico, e movimentos florescem e crescem com a expansão da internet e da tecnologia

Nessa perspectiva, o mundo virtual e o imaginário são reais. Com a internet e as mídias digitais surge o mundo da tecnomagia, uma junção entre o arcaico e o desenvolvimento tecnológico. A própria internet, com suas conexões, se torna uma experiência mística¹⁰.

No mundo da internet proliferam conhecimentos considerados esotéricos e, segundo Maffesoli (2012), nesse novo mundo da pós-modernidade o imaginário se torna a norma do ciberespaço, contexto em que surgem as redes sociais.

Essas comunidades do Facebook, de forma majoritária, incentivam as mulheres a confiarem no seu discernimento, nas suas escolhas e aumentarem sua autoestima. Aconselham as mulheres a olharem seus corpos como templos da alma, dádivas divinas que refletem a sua individualidade. “Na pós-modernidade não se trata de convicções, mas de fazer vibrar o ventre” (MAFFESOLI, 2014)¹¹.

Com a concepção maffesoliniana de que a sociedade é também o tempo do tecnomágico, pode-se aprofundar esse retorno das deusas, seus cultos e rituais em comunidades do Facebook. Maffesoli (2016, 162) define o conceito do real como “a cristalização dos sonhos, fantasmas e fantasias”, e as posturas pós-modernas trazem o retorno ao hedonismo, presentismo e holismo, resgatando o nosso lado que foi censurado, ignorado e demonizado.

Foram encontradas dezenas de comunidades sobre o tema, mas foram listadas aqui aquelas com mais de cinquenta mil participantes/inscritos:

1. WICCA, MAGIA E BRUXARIA BRASIL - 173.800 (cento e setenta e três mil) participantes, apresenta-se como um “Grupo dedicado a Wicca, Bruxaria, Paganismo, Ocultismo”.
2. AS FACES DO SAGRADO FEMININO - 110.000 (cento e dez mil) participantes, e o objetivo do grupo é “a partilha do sagrado feminino... que reina em nossas faces... e no ser infinito que cada uma é”.
3. OFICINA DAS BRUXAS - 101.000 (cento e um mil) participantes, e se apresenta como “Bruxas que vieram para trazer um pouco de conhecimento e inspiração para a bruxadara!”.
4. SOCIEDADE SECRETA DAS BRUXAS - 73.000 (setenta e três mil) participantes, e se apresenta como “um grupo para o despertar e valorização do Sagrado Feminino”.

MULHERES DESPERTAS - 52.000 (cinquenta e dois mil) participantes, e se apresenta como um “Grupo destinado ao Despertar da Consciência através da cura e equilíbrio do Sagrado Feminino e Ma”. No esoterismo, a energia MA é eminentemente feminina, criadora,

¹⁰ (<https://www.fronteiras.com/leia/exibir/michel-maffesoli-e-o-homo-eroticus-pos-moderno-voltamos-ao-que-o-racionalismo-moderno-eliminou>. site www.fronteiras.com. Postado em julho de 2015)

¹¹ Maffesoli, Revista Sessões do Imaginário, vol.19, n ° 32, 2014. Sociologia, Política e arcaísmo: entrevista com MICHEL Maffesoli.

geradora do universo.

Acredita-se haver atualmente em torno de trinta comunidades no Facebook com essa temática. Em sua quase totalidade, elas partem da premissa de que a mulher tem uma grande ferida, que precisa ser tratada, cuidada, curada, e que é fruto das posturas de uma sociedade machista, patriarcal que as machucaram, mataram, usaram de violência física e psicológica para reprimi-las.

4. Comunidade do Facebook e Blog “As Faces do Sagrado Feminino”

Como é sabido, a violência contra as mulheres é produto de uma construção histórica e possui raízes profundas, excetuando-se apenas no período neolítico e início da Antiguidade, em que havia regiões como a do Egito e da Suméria em que ocorria uma valorização das mulheres com posição de destaque e eram sacerdotisas, deusas e até faraós.

A cultura judaica era profundamente machista e patriarcal. Eva teria provocado a expulsão dos seres humanos do Paraíso e as mulheres passaram a ser inferiorizadas, responsáveis pelas dores do mundo e todo o sofrimento.

No mundo grego, Pandora, pela curiosidade tipicamente feminina, teria aberto a caixa que continha todos os males do mundo, e a mulher foi responsabilizada por todo o tipo de desgraça.

Consciente dessas dores, do sentimento de culpa e rejeição que carregam durante tantos anos, é que as comunidades do Sagrado Feminino no Facebook têm como tema central “a cura”. Esta se dá, sobretudo, através do respeito pelas emoções e pelo seu corpo, além de cultos e rituais às deusas e de terapias ancestrais.

Neste item vão-se apresentar, de forma bastante resumida, os temas e conteúdos apresentados pela Comunidade “As faces do Sagrado Feminino”, que foi escolhida pela grande quantidade de participantes, por ser também um blog e por manifestar as várias tendências do culto ao Sagrado Feminino. A sua preocupação maior é com a cura da alma feminina, e sua idealizadora, Carmem K’hardana, é fisioterapeuta, numeróloga, professora de Cabala, terapeuta de Constelação Familiar e sócia proprietária da empresa “Fios da Terra”. A referida comunidade foi criada em 7 de abril de 2013, e em setembro de 2023 já possuía 110 mil (cento e dez mil) seguidores. Sua página inicial expõe:

Desde o início dos tempos, mulheres são curandeiras, rezadeiras, benzedoras e se juntam para curar, cuidar e amar... São imbatíveis na guerra da cura... O retor-

no a esse sagrado feminino é nossa busca... só o feminino entende o feminino... fazer parte de um círculo de mulheres é o começo... há saberes femininos que só chegam ao feminino em círculos, em entrega, em partilhas.

Maffesoli cria o neologismo “corporeísmo”, e a referida Comunidade entende que o corpo feminino é o maior aliado da mulher e as incentiva a confiar no seu discernimento, em suas escolhas, por ser uma única, abençoada por toda luz do universo.

A Comunidade não trabalha com as deusas gregas, celtas, romanas e de outras culturas, muito frequentes nas publicações de outras comunidades do Facebook que cultuam o Sagrado Feminino. Nas suas publicações destacam a divindade feminina judaica Shek’hiná, vinculada às deusas sumérias, aos conhecimentos cabalísticos, ritmos lunares, numerologia e astrologia. Essas deusas possuem a característica de fazer uma associação entre mulher, divindade e sexualidade.

Na publicação do dia 25 de maio de 2016, da Comunidade “As faces do Sagrado Feminino”, realiza-se um esclarecimento acerca das deusas tão citadas em suas postagens:

- SHEK’HINÁ INNANAH, deusa mesopotâmia do sexo, do erotismo e do amor e também encontra-se associada a prostituição, lutas e batalhas. Na Comunidade ela é concebida como *“Deusa do Abismo, o princípio de tudo, identificada na natureza como a grande escuridão do mistério dos céus, o poder criativo. Regente das luas de Áries”*.
- SHEK’HINÁ NANSHE, deusa da fertilidade, da justiça social e da água. *“Deusa das artes, dos sonhos e dos sopros que ecoam pela terra... Na natureza, é representada pelas cavernas, a cura pelos sonhos. Regente das Luas de Touro”*.
- SHEK’HINÁ NINHURSAG, deusa suméria, que possuía o atributo de ser uma deusa-mãe, que modelou os seres humanos pela argila. Na perspectiva da Comunidade, ela é *“a Deusa da sabedoria ancestral. Regente das luas de Gêmeos”*.
- SHEK’HINÁ INNAH, na mitologia é a mesma que a deusa Inana, mas na referida Comunidade ela é considerada *“a Deusa dos ciclos do tempo, da natureza e da lua. Rege os ciclos da vida e de tudo o que é manifesto. O tempo e sua magia, os ciclos da terra. Regente das Luas de Câncer”*.
- SHEK’HINÁ ISHTAR é também confundida com a deusa Inana e tem como atributo principal a feminilidade, amor e sexo, conhecida também como a colecionadora de amantes. Na comunidade é *“a Deusa do amor, do prazer e da beleza feminina. Regente das Luas de Leão”*.
- SHEK’HINÁ SIDURI, que significa “mulher jovem” é a deusa babilônica da cerveja e do

vinho, da folia e da sabedoria. Na comunidade ela é apresentada como: *“a Deusa dos mistérios femininos, a guardiã do sangue menstrual”*. Regente das luas de Virgem”

- SHEK’HINÁ IANAT, deusa da fertilidade, do amor sexual, da caça e da guerra. Os fenícios geralmente descreviam Ianat como uma mulher nua, com órgãos sexuais exagerados, portando um arco e flecha”. Na comunidade ela é *“deusa dos ventos, a força em nossas guerras, e a lembrança de nossa força ancestral. Regente das Luas de Libra”*.
- SHEK’HINÁ UTTU, deusa de origem suméria associada à tecelagem. Na comunidade ela é *“a Deusa da magia, tecelã do destino. Regente das luas de Escorpião”*.
- SHEK’HINÁ NINKASSI, considerada também como deusa da cerveja. Na comunidade é *“a Deusa da nutrição da terra e do alimento. Regente das luas de Sagitário”*.
- SHEK’HINÁ GULLAH, deusa praticamente desconhecida na literatura ocidental. Na comunidade ela é *“a Deusa da cura, do sustento e da fertilidade. Regente das Luas de Capricórnio”*.
- SHEK’HINÁ ASHERÁ, deusa do fluxo da vida, representada pelos mares, pelas árvores e pelos fluxos de águas subterrâneas da terra. *“É guardiã do Shuasar, que é a memória do mundo espiritual. Regente das luas de Aquário”*
- SHEK’HINÁ SHARIT, *“deusa do êxtase nos ritos. Na natureza, é representada pelo fogo. Regente das luas de Peixes”*

Essas deusas possuem características duais, são portadoras de poderes vitais, curativos e nutridores, mas também carregadas de erotismo, magia e beligerância. Elas são inteiras, selvagens, portadoras de luz e de sombras. A atualidade necessita de mulheres rebeldes, inteligentes, livres e apaixonadas, transbordando sentimentos e emoções. A sexualidade das deusas/bruxas concentra-se no sentido de fertilidade, de vida e de prazer.

Pinkola (1994, 12 e 13) entende como mulheres selvagens as mulheres livres, não-domesticadas, sedutoras, semelhantes ao lobo uivando para a lua, plenas, corajosas e com muita força vital. Elas têm consciência de seu território, seus instintos, sentimentos e impulsos, e não têm medo de se aventurar e nem se revelar em sua plenitude.

Maffesoli (2012, p 59), quando trata do neologismo “invaginação dos sentidos”, ele traz a ideia do regresso, do retorno ao ventre, aos sentidos, ao tempo, no qual a força das coisas é irreprimível. Nessa referida comunidade o corpo é visto como um templo pessoal sagrado. A mulher tem que buscar seu próprio prazer, descobrir as suas zonas erógenas, se amar e se aceitar e estabelecer uma relação mais saudável e harmoniosa com o corpo e a menstruação.

Abaixo, são apresentadas postagens da Comunidade “As faces femininas da Deusa”:

“Como seria se sentir dentro deste abraço?...Não dentro do abraço de alguém..., mas como se todo o universo abraçasse você, seu corpo, sua história...o ser infinito que você é sendo abraçado assim... aceito, amado, confiante (27 de fevereiro de 2023).

“É preciso pulsar a vida, na vida...Sentir cada pedacinho de si...Sem esse sentir não há aprendizado, nem a explosão de prazer...A vida é orgástica... Sinta...esteja presente...com seu corpo... Sinta essa energia percorrer seus sentidos, arrepiar sua pele, acelerar seu coração... (24 de junho de 2023).

“O fogo, quando para de dançar, morre...e hoje é tempo de dançar... e a dança é uma grande oração... é nosso corpo rezando e abençoando nosso universo em comunhão com nossos pensamentos...com nossos desejos...com nossos sonhos...é a conexão com nosso lado alegre, leve...Experimente hoje, dançar...Sem passo programado...Feche os olhos e dance...

Dance o movimento que vier...dance com a vida, para a vida...dance com todos os seus sonhos...dance com todos os seus absurdos...Dance...E faça seus sonhos entrarem nessa dança... (10 de julho de 2023).

“O sagrado vive aqui, em pele, músculos, sangue, órgãos, osso, corpo que pulsa e fala comigo. O sagrado é algo mágico e está presente no corpo feminino”. (11 de julho de 2023).

“Deixe seu corpo rezar seu rezo, cantar seu canto, movimentar seu sopro...Seguir a direção do sonho, não o seu, mas de seu corpo... A maior oração que muitas vezes podemos fazer, é fechar os olhos e deixar nosso corpo seguir em seus movimentos... (18 de julho de 2023).

“O corpo como retorno ao Sagrado...é a uma escuta de nós que está velada, e precisa ser desvelada...o Caminho das Deusas...um caminho de volta a essa escuta, ao nosso corpo, a nossa alma e aos nossos nós”. (03 de agosto de 2023).

A Comunidade respeita e realiza cultos as suas antepassadas. Cerca de 90% das imagens contidas nesta comunidade do Facebook são de mulheres seminuas, sensuais, com longos cabelos ou vestidas com saias compridas, leves e coloridas, acompanhadas de lobos e luas nas suas diversas fases, destacando sua essência feminina, sua sacralidade, sua feminilidade. A lua, no decorrer dos tempos, sempre representou a Grande Mãe, os mistérios, a mudança e o inconsciente, as águas e os fluidos, daí haver ligação forte entre a lua e menstruação. Em noites de lua cheia, acreditam no aguçamento da psique, espiritualidade e sexualidade, com a realização de rituais, magias e acesso de oráculos.

Considerações finais

O ponto de origem de interesse pelo tema partiu da leitura da obra “As deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição”, da historiadora Maria Nazareth Alvin de Barros. A partir de 2007 houve um aprofundamento das leituras e a elaboração de um projeto de pesquisa que resultou no livro: “Feminino Divino: Tecendo um novo mundo”, publicado em 2011 pela Editora da UFRPE. A predominância na Academia do paradigma newtoniano-cartesiano, exigindo neutralidade e colocando a ciência como dogma, dificultou muito encontrar um arcabouço teórico que desse respaldo à pesquisa. Os objetivos foram analisar as causas da variedade de deusas presentes na Antiguidade e os motivos do seu desaparecimento; as características das sociedades que respeitaram o feminino divino; as consequências da misoginia na sociedade medieval e verificar como está sendo efetuado na atualidade esse resgate do feminino divino com seus desdobramentos, consequências e benefícios. Na ocasião utilizou-se da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, a perspectiva dos “arquétipos” do psicólogo-analítico Karl Gustav Jung e a Teoria da Transdisciplinaridade de Nicolau Nicolescu. Posteriormente, em contato com a diversidade e complexidade do pensamento de Michel Maffesoli, sociólogo francês, um dos maiores especialistas na pós-modernidade e referência da Sociologia dos anos 1990, percebeu-se de imediato que suas teorias iriam lançar luz para uma compreensão mais percuciente do Sagrado Feminino na atualidade.

Aqui, não há interesse em discutir sobre o tema da Modernidade vs. Pós-Modernidade, nem suas diversas interpretações e controvérsias, mas encontrar um arcabouço teórico que desvelasse de forma mais complexa e profunda sobre o fenômeno do Sagrado Feminino na atualidade.

Nas diversas comunidades do Facebook, a mulher ressurgiu com todo seu poder, sexualidade, sobretudo, por ser portadora de um órgão sagrado, muito vilipendiado pela cultura ocidental, o útero, e todo aparelho reprodutor feminino, que é reverenciado por ser o local de onde tudo veio, tudo passou a existir, receptor de todo o poder do universo, o cálice sagrado.

Esse movimento incentiva a mulher a permitir-se ser amada, desejada, sentir prazer, fazer aquilo que a alma e o corpo anseiam, viver de forma intensa, seguir seus instintos e ser a senhora absoluta do seu destino. O corpo feminino é visto como um templo pessoal e sagrado. A mulher passa a ser uma deusa, celebrando a vida, cantando, fazendo seus sentimentos pulsarem, dançando e curando. Essas posturas contribuem no fortalecimento dos movimentos ecológicos por renderem cultos a Mãe-Terra e verem os animais como sagrados, fortalecem a autoestima feminina, exaltam a coragem e o poder feminino, criticam atitudes de submissão e oferecem uma contribuição para o fortalecimento do

feminismo na atualidade.

Encerra-se este artigo com uma postagem da Comunidade do Facebook intitulada “Wicca -Bruxaria moderna” (22 de fevereiro de 2022):

*“O VENTRE SAGRADO DA GRANDE MÃE
 Tu és o ventre sagrado da Grande Mãe.
 Tu és a força criadora
 O sangue que jorra no centro da Terra.
 Assim como o sangue que corre em tuas veias.
 O teu ventre é a expressão de teu poder.
 O teu ventre é a tua conexão com a Criadora.
 A força que exala a vida e o sopro divino.
 O cálice sagrado resguardado em teu próprio corpo.
 O útero que gera e transforma a vida.
 A receptora de todo poder do universo.
 Aquela que colhe a centelha da Grande Deusa.
 Para gerá-la e amamentá-la com teu amor.
 Abençoada seja”*

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. As deusas, as bruxas e a Igreja: Séculos de Perseguição. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 2001.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem/de Clarissa Pinkola Estés; tradução de Waldéa Barcellos; consultoria da coleção, Alzira M. Cohen. - Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAUR, Mirella. O anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa. São Paulo: Gaia, 2001.

GRIMASSI, Raven. Os mistérios wiccanos: antigas origens e ensinamentos. São Paulo: Gaia, 2002.

MAFFESOLI e feminização do mundo. Clicrbs, 2009. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2009/06/maffesoli-e-a-feminizacao-do-mundo-cjpmzkju00hiaqcnfut404za.html>.

MICHEL Maffesoli e o Homo Eroticus pós-moderno: “Voltamos ao que o racionalismo moderno eliminou”. Fronteiras, 2015. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/michel-maffesoli-e-o-homo-eroticus-pos-moderno-voltamos-ao-que-o-racionalismo-moderno-eliminou>.

MAFFESOLI, M. O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. 276 p. ISBN9788530966058.

_____. A palavra do silêncio. São Paulo: Palas Athena, 2019.

_____. Homo Eroticus: comunhões emocionais. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MEDEIROS, Roseana B. Feminino Divino: Tecendo um novo mundo. Recife: UFRPE, 2011.

MURARO, Rose Marie. Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças/Rose Marie Muraro, Leonardo Boff. Rio de Janeiro: Sextante, 2002

OSÓRIO, Andréa B. Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria wicca e identidade feminina. Dissertação de mestrado. UFRJ/IFCS/PPGSA. Rio de Janeiro, 2001.

POLLACK, Rachel. O corpo da Deusa no mito, na cultura e nas artes. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.

ROCHA, Patrícia. Mulheres sob todas as luzes. A emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

SCHARBERG, Lúcia. Pecado e graça na teologia feminista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

STARHAWK. Margareth. A dança cósmica das feiticeiras. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.